

O NÃO-IDÊNTICO COMO PRESSUPOSTO PARA A COMUNICAÇÃO¹

THE NON-IDENTICAL AS A PRESUPPOSITION FOR COMMUNICATION

Manoel Dourado Bastos ²

Resumo: *O artigo investiga a fundamentação negativa para a comunicação na "Dialética Negativa" de Theodor Adorno, contrapondo-a à virada comunicativa de Jürgen Habermas. Partindo da constatação de que a recepção de Adorno na Comunicação se limita majoritariamente à "Dialética do Esclarecimento" e ao conceito de Indústria Cultural, o texto argumenta que Habermas constrói sua teoria da ação comunicativa como uma reação direta à dialética negativa adorniana, acusando-a de niilismo e déficit normativo. Ao privilegiar o consenso e a intersubjetividade como fundamentos da democracia, Habermas, segundo o autor, opera no âmbito da identidade, cuja violência é denunciada por Adorno. Em contrapartida, o artigo propõe que a verdadeira comunicação, para Adorno, só pode ser pensada a partir da categoria do não-idêntico, ou seja, na contradição entre sujeito e objeto, onde a comunicação efetiva emerge justamente quando a aparência de identidade é negada e a violência reificadora é suspensa.*

Palavras-Chave: Adorno. Dialética Negativa. Não-idêntico.

Abstract: *The article investigates the negative foundation for communication in Theodor Adorno's "Negative Dialectics", contrasting it with Jürgen Habermas's communicative turn. Starting from the observation that Adorno's reception in Communication Studies is mostly limited to the "Dialectic of Enlightenment" and the concept of the Culture Industry, the text argues that Habermas constructs his theory of communicative action as a direct reaction to Adorno's negative dialectics, accusing it of nihilism and a normative deficit. By privileging consensus and intersubjectivity as the foundations of democracy, Habermas, according to the author, operates within the realm of identity, whose violence is denounced by Adorno. In contrast, the article proposes that true communication, for Adorno, can only be conceived from the category of the non-identical, that is, in the contradiction between subject and object, where effective communication emerges precisely when the appearance of identity is negated and reifying violence is suspended.*

Keywords: Adorno. Negative Dialectics. Non-identical.

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologias da Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Professor Associado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual de Londrina, Doutor, e-mail: manoel.bastos@uel.br.

1. Justificativa

*Tudo aquilo que se denomina hoje em dia
comunicação, sem qualquer exceção, não
é senão o barulho que não nos deixa
escutar a mudez dos que estão encantados.
Adorno, Dialética Negativa*

É possível dizer que, majoritariamente, o recurso a Adorno no pensamento sobre Comunicação se dá nos termos da *Dialética do Esclarecimento* (ADORNO; HORKHEIMER, 2012), a bem da verdade o capítulo sobre Indústria Cultural. Mais difícil é encontrar alguma referência à *Dialética Negativa* (ADORNO, 2009). Para além do evidente caráter significativamente críptico do texto, que exige bastante do leitor e o condiciona à leitura especializada do filósofo (o que, diga-se, é sobretudo um grande *problema* para o próprio argumento postulado), penso que não erro em dizer que, em parte, isso se dá porque Habermas propôs uma teoria da ação comunicativa justamente contra as elaborações adornianas da *Dialética Negativa*. Deste modo, em contrapartida, é como se Adorno não tivesse nada a dizer sobre a Comunicação em sua obra magna. Quero apresentar provisoriamente que, ao contrário, existe uma perspectiva (uma *fundamentação negada*) sobre a Comunicação na *Dialética Negativa*.

Quem estuda Adorno a partir da Comunicação no Brasil lida com vetores de força opostos, pressionando uns aos outros. Por um lado, a presença teórica de Adorno se dá em meio a um manancial de abordagens funcionalistas, todas oriundas de um modo ou de outro das ciências sociais praticadas nos EUA, a partir de onde a produção acadêmica visou garantir algum suporte para a formação profissional de gente dedicada a trabalhar nos diferentes âmbitos da Indústria Cultural. Se é verdade que a oferta bibliográfica de Teoria Crítica para os estudantes de Comunicação visou garantir qualquer sinal de lastro acadêmico, também é preciso dizer que esse encontro dos frankfurtianos com o funcionalismo não foi mera obra de intelectuais dedicados a dar sustança para a dieta universitária nessa plaga do reino animal do espírito. Mesmo o quadro acadêmico funcionalista empurrado pelo exílio estadunidense só levou Adorno a estudar a indústria fonográfica e radiofônica também porque, ainda na Alemanha, ele já havia se dedicado às coisas novas e ruins no âmbito da fatura cultural.

De sorte que quando Adorno cai na Comunicação ele não fica sem ter o que dizer, ainda que, efetivamente, o ambiente não esteja de todo preparado para escutar. Tendo estudado já cedo os produtos do que depois nomearia Indústria Cultural e conhecendo o enquadramento positivista que o funcionalismo deu à coisa, Adorno detinha conhecimento o suficiente para que suas elaborações estivessem devidamente qualificadas para armar uma exposição dialética do problema. E quando não tinha, aliás, isso também o permitiu não se enganar pelos processos que deixariam o intelectual estadunidense mais eufórico - me permitam referir rapidamente como um especialista nos EUA haveria de se entusiasmar com todas as inversões históricas que levaram da ópera ao musical da Broadway, fazendo com que o musical deixasse de envergonhar por sua incapacidade criativa em copiar (para falar como Paulo Emílio Salles Gomes) e passasse ao primeiro plano das realizações culturais.

De um modo ou de outro, o que importa é que, se Adorno nos oferece uma sólida abordagem dialética que se põe a lidar com a Comunicação em negativo, o mesmo não se pode dizer do ambiente funcionalista reinante na área. Contudo, o contexto funcionalista da Comunicação não deixou de incorporar a concepção de Indústria Cultural, em geral esvaziando-a de seu fundamento dialético e invertendo seu postulado negativo. Por isso mesmo, um autor como Hullot-Kentor (2008) aponta para esse esvaziamento perceptível no uso corriqueiro do termo Indústria Cultural e correlatos com uma impressionante indiferença que só cabe nas planilhas orçamentárias de governos e empresas. O choque original que a noção de Indústria Cultural trazia já em seu nome, passando um pelo outro elementos que deveriam dizer respeito a esferas distintas, como que se perdeu e os cifrões falam mais alto. E isso num momento em que os montantes de seus ativos financeiros nas bolsas de valores já não confirmam mais o apontamento de Adorno sobre seu caráter secundário frente às indústrias química e do aço.

Diante disso, nosso interesse é o de (re)abilitar para a Comunicação o sentido negativo forte da dialética em Adorno. Vamos propor isso do seguinte modo, ainda bastante provisório e secundado por outras incursões prévias, como, por exemplo, em Bastos (2025), onde aproveito uma percepção original de Renata Guerra e Bruno Serrano (2021) sobre Ruy Fausto para indicar materiais para uma reconstrução da dialética na Comunicação. Aqui, seguindo tais princípios, trata-se de apontar que a incursão habermasiana na razão comunicativa, feita contra a dialética negativa de Adorno, não só é problemática, como está muito aquém da questão; por

outro lado, justamente a perspectiva adorniana para a Comunicação consiste em um ponto avançado para a crítica consequente. Vejamos em que termos consigo armar o argumento.

2. Exposição

Conhecemos o princípio normativo que rege a perspectiva reconstrutiva consolidada por Habermas (2022) em sua *Teoria da Ação Comunicativa*, no início dos anos 1980. Abandonando aquela idealização operada na curiosa crítica da ideologia tal qual apresentada nos anos 1950 na *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (HABERMAS, 2014), segundo a qual os ideais burgueses, degenerados pelo capitalismo monopolista e o simétrico correlato da crescente organização das classes trabalhadoras, deveriam ser continuamente defendidos como a verdade social, mesmo que nunca tenham sido realizados, Habermas passou a postular uma ciência reconstrutiva cujos princípios normativos estariam numa ética do discurso, para a qual a busca pelo consenso se daria como o esforço contínuo de realização do que haveria sido posto em cena pelas revoluções constitucionais. Não por acaso, o rumo inevitável disso tudo desembocaria na defesa intransigente da democracia deliberativa, como se vê em *Facticidade e Validade* (HABERMAS, 2021), já nos anos 1990.

Nesse período, do livro de meados da década de 1950 até a obra da década de 1980, parece que o movimento de Habermas vai de Kant a Hegel, sem, contudo sair daquele, o que só se reafirma na obra da década de 1990. Nas duas primeiras obras, que nos interessam mais de perto, estamos diante de duas abordagens da Comunicação mais ou menos correspondentes a (leituras que Habermas faz de) Kant e Hegel. No livro da década de 1950, o problema estudado está ancorado na observação histórica da configuração das possibilidades do uso público da razão. Ele descreve um processo histórico de degeneração, de maneira que a organização política das classes trabalhadoras, de um lado, e Indústria Cultural, de outro, faziam decair as condições democráticas propiciadas pela esfera pública burguesa. No segundo, a matriz kantiana do problema dá lugar a um interesse pelas relações intersubjetivas, de corte mais evidentemente hegeliano, direcionado, contudo, por um postulado normativo, em que o sujeito transcendental se transmuta num sujeito de fala. Em ambos, a Comunicação, qualquer que seja sua definição, seja conforme a matriz kantiana, seja de acordo com a perspectiva hegeliana, é a origem (logo, o alvo) de qualquer capacidade de articulação social.

Não me parece exagero afirmar que, mesmo quando organiza o fluxo de seu raciocínio conforme a apresentação de pares antitéticos, o pensamento de Habermas pode ser

caracterizado como uma reação à contundência dialética exposta pela obra de Adorno, de maneira que não se erra em avaliar a busca incessante pela caracterização da Comunicação como uma recusa à negação determinada. A rigor, sem nenhuma violência ao objeto, essa perspectiva se depreende da própria leitura de Habermas, como se observa tanto na *Teoria da Ação Comunicativa* quanto, de maneira bastante enfática, n’*O Discurso Filosófico da Modernidade* (HABERMAS, 2002). Ou seja, ao adotar um recurso à teoria da comunicação, Habermas está se posicionando sobretudo diante da *Dialética Negativa*.

Conforme a cuidadosa exposição de Renata Guerra (2023), Habermas foi um dos principais responsáveis pela concepção de que a obra de Adorno se constitui segundo uma homogeneidade, de maneira que a *Dialética do Esclarecimento* deve ser entendida como um fundamento e a *Dialética Negativa* exclusivamente como seu desdobramento. Não um desdobramento qualquer, afirma Habermas, mas um descolamento cujo motivo efetivamente era uma radicalização. A *Dialética do Esclarecimento*, nos termos de Habermas, configurar-se-ia como uma aporia diante do movimento histórico da razão e a *Dialética Negativa*, abdicando do que ainda restaria de normatividade na crítica da ideologia da razão instrumental, era tão somente um exercício, de maneira que o pensamento dialético conduziria a uma “aporética do conceito do não-idêntico”.

Mostrando-se fiel ao que entendia como o programa original da Teoria Crítica, ou seja, a operacionalização de um “materialismo interdisciplinar” que havia sido abandonado já em seus inícios por Adorno e Horkheimer, com sua crítica da razão instrumental, Habermas propõe um esforço no rumo da teoria da comunicação contra o paradigma da filosofia da consciência a que seus predecessores haviam sucumbido – a crítica à reificação concentrada na relação entre sujeito e objeto, para o que Habermas oferecia outro caminho, se desfazendo do déficit de normatividade e sociológico de Adorno com um foco na relação intersubjetiva.

Em linha semelhante, Mariana Fidelis Jerônimo de Oliveira (2021) indica que, para Habermas, Adorno relutava em reconhecer as melhorias proporcionadas pelo Esclarecimento, os progressos democráticos a que chegaram os Estados constitucionais e os marcos das liberdades individuais gerados pela formação de identidade porque, ao fim e ao cabo, mantinha a base histórica de sua análise na ascensão do nazi-fascismo. Ou seja, para Habermas a catástrofe nazi-fascista deve ser entendida como uma recaída isolada num fluxo contínuo positivo da razão, de maneira que a caracterização da *Dialética do Esclarecimento*, que encontra um (longo) sentido lógico do nazi-fascismo como resultado não só possível, como necessário, da

dinâmica histórica da razão rebateria num tom niilista que seria adotado pela *Dialética Negativa*.

Essa dimensão foi indicada de maneira exemplar por Vladimir Safatle (2019) em *Dar corpo ao impossível*. Safatle lembra como o compromisso com o estado de bem-estar social levou Habermas a considerar a dialética negativa de Adorno como um escapismo aristocrático, uma contradição performática com o esclarecimento no momento mesmo em que decretava sua morte. Se o pensamento de Axel Honneth pode ser apontado por Safatle como não-dialético, dado seu déficit de negatividade, parece possível encontrar algo disso também em Habermas.

Os desdobramentos posteriores da Teoria Crítica abandonaram toda perspectiva revolucionária efetivamente dialética, resultando em uma filosofia que preferiu estabelecer como interlocutores privilegiados o neopragmatismo anglo-saxão, a psicanálise baseada na teoria da relação de objetos, assim como um modelo de justificativa social que elevava o sistema de consensos construídos no interior do dito Estado do bem-estar social a horizonte normativo insuperável de racionalização da vida em sociedade. Escolhas mais afinadas com o projeto de fundamentar a razão em um horizonte de ação comunicativa ou de reconhecimento das individualidades (SAFATLE, 2019, p. 25).

De Caux (2021) acompanhou no pormenor este tortuoso caminhar da Teoria Crítica, em seus variados aspectos conceituais. Para o que nos importa, tudo se deu no sentido de Habermas insistir no fundo falso do estado de bem-estar social no momento mesmo em que a crise imanente do capital passou a operar seu dismantelo, *em nome da Comunicação*, que seria a verdadeira ausência normativa em Adorno. E essa insistência se apresentou na forma de um conjunto sistemático de compromissos com diversas encarnações do positivismo, contra as quais Adorno aplicou o rigor negativo da dialética. Não é que Habermas tenha simplesmente pulado de lado, como atesta seu engajamento na treta sobre o positivismo como um dos contendores mais efetivos. É que sua maneira de participar da querela se fundou na incorporação de toda a sorte de pragmatismo, teoria dos sistemas e demais, sem a menor perspectiva de crítica imanente, pelo contrário. Esperava lidar, ao modo daquela perspectiva em que a filosofia transcendental justapôs o empirismo à racionalidade, de sorte que a visada crítica estivesse lado a lado dos patamares positivistas que persistiram dos dois lados do Atlântico, o que só podia se sustentar segundo a norma discursiva do estado de bem estar social. Quando chegou a hora, como lembra de Caux (2021), Habermas operou uma verdadeira cisão na Teoria Crítica e a dialética ficou para trás como uma performance contraditória, um exercício de leitura fadado ao fracasso das sombras.

Podemos observar com Safatle a distância entre o projeto de uma dialética negativa e a perspectiva da racionalidade comunicativa:

Não é mero acaso, nem fruto de alguma forma de inabilidade estilística que a dialética tenha sido vista como um escândalo por todos os que gostariam de fundar a razão em um espaço comunicacional desimpedido. Comunicação é resolução potencial de conflitos a partir da reconhecimento mútua de condições de conciliação atualmente postas. Não é esse o horizonte real do pensamento dialético, baseado na análise de transformações de estrutura a partir do reconhecimento da força produtiva de contradições internas (idem).

O fato de que desde 1973, com o golpe de Pinochet no Chile, o avanço neoliberal desmentia, ponto por ponto, a compreensão emancipatória do estado de bem estar social, conforme os termos de Habermas, ganha novos contornos se pensarmos que a contínua elaboração negativa da dialética de Adorno também se deu contra aquele autor do charlatanismo teórico sintetizado na noção de “sociedade aberta”, que em 1947 esteve animadamente debatendo em Mont Pèlerin os caminhos organizativos para a perspectiva reacionária após a Segunda Guerra Mundial. Desta maneira, é absolutamente possível entender que a concentração de Adorno às elaborações em torno da dialética, no momento mesmo em que, retornando para Alemanha do exílio estadunidense, passou a se dedicar ao âmbito acadêmico da Sociologia, se apresenta ainda agora como um dos conjuntos mais consistentes de crítica ao neoliberalismo. Nada curiosamente, como há de ser com os movimentos dialéticos, estamos diante da situação em que o desajuste histórico de Habermas, que abandona o teor negativo da dialética em nome racionalidade comunicativa como defesa do estado de estar social em obsolescência, é superado pela persistência negativa de Adorno, que nos anos 1950 e 1960, um tanto quanto desajustado frente ao consenso do dito “capitalismo democrático”, continua formulando os apontamentos de uma teoria crítica que se recusa a corroborar com o mero existente. Ou seja, é a crítica imanente negativa de Adorno, para usar o termo conforme de Caux (2021), que nos põe nas condições de enfrentar a crise do capital em sua fatura neoliberal – ou ainda, que elimina qualquer déficit sociológico ou escapismo filosófico (e estético).

Agora, é certo dizer que, a rigor, Habermas estava lidando com um elemento decisivo para a avaliação das transformações históricas postas pela crise do capital, tal qual se manifestou de meados dos anos 1970 em diante. Apostar todas as fichas teóricas na Comunicação indica também que Habermas resolveu bater de frente com o problema decisivo das mudanças explicitadas naquela quadra histórica, quando a dinâmica de autovalorização do

valor esbarrou em mais um de seus limites e tentou caminhar para novos âmbitos de possibilidade de sua realização. Não por acaso, Habermas, assim como autores tais como Fredric Jameson, reconheceram a centralidade de comunicação e cultura no bojo das transformações históricas do capitalismo a partir do último quarto do século XX.

Acontece que Habermas, ao observar a Comunicação como um ponto nodal, lhe deu um teor positivo e, com isso, entendia nela a condição de emancipação - assim, se aproximando tanto de apologetas quanto de ingênuos avaliadores da sociedade pós-industrial, da informação, do conhecimento e demais adjetivações que esvaziam o objeto. Como não reconhecer aí também mais um passo de distanciamento com relação ao conjunto teórico que nos legou o conceito de Indústria Cultural? Que Adorno tenha visto na Indústria Cultural, em par com o antissemitismo, a realização lógica do Esclarecimento nos dá a ver o quanto a aposta emancipatória, a rigor normativa, na Comunicação de Habermas é uma percepção segundo a qual, malgrado o existente, tudo está nos conformes, habitamos um terreno seguro que precisa apenas ser reconstruído.

Também aqui Adorno apresenta uma posição crítica condizente com a situação. Já em sua formulação original, o conceito de Indústria Cultural propõe uma abordagem sobre a crise do capital. A Teoria Crítica, tal qual elaborada desde sua primeira grande obra, não se contém numa percepção do capitalismo perene como uma solução de equilíbrio, mas, para acompanhar Vladimir Puzzone (2016) e seu breve aproveitamento por Felipe Catalani (2019), reconhece aí o ato contínuo da crise. Isso significa dizer que um conceito como o de Indústria Cultural sintetiza, já nos anos 1940, um emaranhado contraditório que permaneceria crucial para a autovalorização do valor. Como uma recusa crítica à concepção de cultura de massas, o conceito de Indústria Cultural não se reduz a uma denegação da esfera pública, mas uma de suas realizações no instante da crise - aquilo que ainda indicava uma fé no uso público da razão se apresenta ao modo do esclarecimento como mistificação das massas.

Sua pertinência pode ser observada nas poucas, mas certas referências à Indústria Cultural que Adorno faz na *Dialética Negativa* - a principal delas, não por acaso, no capítulo dedicado a criticar Heidegger, especialmente num trecho em que discorre sobre as contradições das necessidades, espirituais ou materiais. A aproximação das novas ontologias com a Indústria Cultural nos põe a pensar, num jogo em que a satisfação das necessidades, que não pode ser colocada em questão sem mais nem menos, faz parte do nexo de ofuscação contra o qual Adorno de fato empenha seu argumento. Sem a atenção redobrada ao princípio irresoluto da

negação, a justaposição filosófica de medo e esperança faz as vezes da satisfação mercantil no universo intelectual. Dito de maneira direta com o que se pretende argumentar aqui, a dialética negativa se põe contra aquela condição assumida pela filosofia de substituto da má irracionalidade que preside as relações sociais de produção que, a rigor, são constitutivas daquele padrão cultural que organizam as necessidades – se o alvo de Adorno era Heidegger, ele também podia ser a ação comunicativa de Habermas.

Mas, não é apenas no âmbito crítico da (falsa) satisfação das massas que podemos reconhecer como o postulado negativo da dialética proposto por Adorno apresenta sua atualidade, contra o encaminhamento reconstrutivo de Habermas a partir da razão comunicativa. Adorno tematiza a Comunicação em pelo menos duas oportunidades na *Dialética Negativa* em sentidos que inquirir os problemas até aqui avaliados. Num primeiro momento, está preocupado em dirimir a confusão entre comunicação e verdade.

O critério do verdadeiro não é a sua comunicabilidade imediata a qualquer um. É preciso resistir à compulsão quase universal a confundir a comunicação daquilo que é conhecido com aquilo que é conhecido, e mesmo a colocá-la se possível em uma posição mais elevada, uma vez que atualmente cada passo em direção à comunicação líquida e falsifica a verdade. Entrementes, é neste paradoxo que trabalha tudo o que diz respeito à linguagem. A verdade é objetiva e não plausível (Adorno, 2009, p. 43).

Esse trecho é utilizado por Safatle para expor sua crítica a Habermas como uma crítica à perspectiva do reconhecimento calcada no consenso. Se, por outro lado, se coloca no centro do argumento uma “dinâmica de transformação de estrutura”, Safatle indica que, com isso, “(...) as dinâmicas dialéticas de reconhecimento não são pensadas a partir do horizonte regulador dos atributos da individualidade moderna, mas se desenvolvem a partir da centralidade das experiências de negatividade” (Safatle, 2019, p. 26). Como seria, portanto, pensar dialeticamente a comunicação a partir de experiências de negatividade? Sabemos o quanto as incursões de Safatle em *Grand Hotel Abgrund* e *O circuito dos afetos* são fundamentais para propormos um pensamento crítico sobre a Comunicação a partir desta observação negativa do reconhecimento.

Aqui, nos contentaremos em lidar com um trecho de Adorno que nos coloca diante do mesmo problema. Enfrentando a perdição do pensamento na identidade, Adorno se depara com o excesso da singularidade.

Aquilo que é, é mais do que ele é. Esse mais não lhe é anexado de fora, mas permanece imanente a ele enquanto aquilo que é reprimido dele. Nessa medida, o não-idêntico constituiria a própria identidade da coisa em face de suas identificações.

A parte mais íntima do objeto revela-se ao mesmo tempo como exterior a ele, seu fechamento como uma aparência, reflexo do procedimento identificador, fixante. É nessa direção que a insistência pensante em face do singular conduz, em direção à sua essência, em vez de em direção ao universal que se supõe representá-lo. A comunicação com o outro cristaliza-se no singular que é mediado por ela em seu ser-aí (Adorno, 2009, p. 140).

Podemos perceber na exposição de Adorno o quanto o não-idêntico pode não se reduzir a um mero solipsismo, à recusa sem mais da Comunicação. Pelo contrário, o solipsismo, na medida em que ele se organiza como uma experiência do capital, é, contraditoriamente, o fundamento daquela dinâmica massiva que Adorno combateu como a Indústria Cultural. Se pensarmos, junto com Sohn-Rethel, que aquilo que ele chamou de “solipsismo prático” é a curiosa forma de relação entre duas pessoas que a abstração da troca assume, podemos elaborar a essência daquilo que se passa por comunicação no capitalismo.

Os dois indivíduos, formalmente livres e iguais, que, por resultado de uma ação volitiva, se encontram para trocar mercadorias, conforme fomos ensinados pela imagem apresentada no capítulo 2 d’*O Capital* (Marx, 2017), ao se reconhecerem como proprietários realizam, a rigor, os desejos da própria mercadoria. Sohn-Rethel insiste como o ato da troca põe frente a frente os “sujeitos da troca” que estão ali única e exclusivamente em busca de realizar seus anseios, para os quais o outro é apenas um veículo. Se é possível falar de uma relação, ela só faz sentido na medida em que o corpo da mercadoria serve como suporte e, no fim, a relação social ali conjugada é um momento da autovalorização do valor. Inclusive porque, como ressalta Sohn-Rethel, o valor de uso ali posto só pode ser efetivamente consumido fora desta relação, ainda que necessite continuar na cabeça dos indivíduos. É a esse indivíduo solipsista que realiza o desejo das mercadorias que a Indústria Cultural se dirige - ou, melhor dizendo, ela é a mediação deste solipsismo prático próprio às relações cujo princípio de identificação se funda na forma do equivalente (BASTOS; BERNARDI, 2025).

Ora, a acusação de Habermas contra Adorno, postulando as relações intersubjetivas próprias à Comunicação como a solução para as deficiências teóricas da *Dialética Negativa*, pode ser posta em discussão por este reconhecimento de que, ao fim, o que temos diante de nós quando se fala de “ação comunicativa” é o solipsismo prático categorizado por Sohn-Rethel. A “ação comunicativa” conforme Habermas, cujo motor intersubjetivo é o consenso, é fundamentalmente uma perspectiva da identidade. E esta identidade, nos termos de Adorno, deve ser observada segundo a profunda violência da universalização pela troca de equivalentes. Em nome de um princípio normativo que se fundamenta em uma ética do discurso que preside

a dinâmica da ação comunicativa como fulcro das democracias deliberativas, Habermas se posiciona conforme uma abordagem reconstrutiva mesmo diante do que, em outra chave, Adorno reconheceu como a Indústria Cultural.

Penso que o oposto deve ser observado se se busca a negação determinada da Comunicação, não no sentido de uma mera rejeição em abstrato (ainda que, de fato, aquilo que hoje se apresenta como tal precise ser *negado*), mas tendo em vista que é possível encontrar na própria *Dialética Negativa* os postulados para uma Comunicação segundo a não-identidade. A recusa da Comunicação, nos termos em que ela se apresenta hoje para nós, se põe tendo o não-idêntico como sua fundamentação negada. Se faz sentido dizer que hoje aquilo que se apresenta como relação intersubjetiva é, a rigor, a sobreposição violenta da sociedade sobre o sujeito, a verdadeira Comunicação deve postulada exatamente na contradição entre sujeito e objeto, sua não-identidade reconhecível a partir da aparência de identidade.

Seguindo com Adorno, podemos formular que a Comunicação só é efetivamente possível lá onde, ao ser negada, o não-idêntico não sucumbe mais à violência reificadora.

3. Fecho

A partir de um confronto com a *Teoria da Ação Comunicativa* de Habermas (2022), apresentamos ao longo do texto uma possível fundamentação negada da Comunicação conforme a *Dialética Negativa*, de Adorno (2009). A partir desta intuição original, é possível desdobrar outros encaminhamentos, aprofundando a investigação rumo a dimensões que envolvam diferentes aspectos em diálogo com as perspectivas apresentadas no grupo dedicado à Epistemologia da Comunicação. Penso como a perspectiva do não-idêntico traz elementos para debate sobre aspectos como identidade, alteridade, mediação, interação. Trata-se de um manancial teórico pouco explorado de um autor que, por outro lado, figura regularmente nas bibliografias de Teorias da Comunicação. Entendo que, com isso, a figura de Adorno poderá sair do seu encaixotamento dado por uma leitura bastante rasa de seu conceito de Indústria Cultural. E, com isso, a própria conceituação de Indústria Cultural, bem como uma elaboração dialética para o campo da Comunicação, podem sair mais fortalecidos.

Referências

- ADORNO, T. **Dialética negativa**. São Paulo: Zahar, 2009.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. São Paulo: Zahar, 2012.
- BASTOS, M. D. Materiais para uma reconstrução da dialética na Comunicação: a crítica dialética da indústria cultural e as ligações entre Teoria Crítica, Nova Leitura de Marx e Economia Política da Comunicação. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. e45639, 2025. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/45639>. Acesso em: 23 fev. 2026.
- BASTOS, M.; BERNARDI, G. Alguns encaminhamentos para a epistemologia da comunicação a partir de Sohn-Rethel. In: Anais do 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2025. Disponível em: <https://publicacoes.softaliza.com.br/compos2025/article/view/11348>. Acesso em: 23 fev. 2026.
- CATALANI, F. **Filosofia moral no mundo do pós-guerra**: estudo sobre Adorno. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Filosofia, 2019.
- CAUX, L. P. de. **A imanência da crítica**: Os sentidos da crítica na tradição frankfurtiana e pós-frankfurtiana. São Paulo: Loyola, 2021.
- GUERRA, R. **A lógica da teoria crítica em Adorno**: um estudo sobre a Dialética negativa. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Filosofia, 2023.
- GUERRA, R.; SERRANO, B. Aspectos da reconstituição da dialética em Ruy Fausto. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 111-132, 2021. Disponível e: https://revistas.usp.br/filosofiaalema/pt_BR/article/view/183405. Acesso em: 23 fev. 2026.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria da Ação Comunicativa**. 2 vol. São Paulo: Ed. Unesp, 2022.
- HABERMAS, Jürgen. **Facticidade e Validade**. São Paulo: Ed. Unesp, 2021.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Ed. Unesp, 2014.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HULLOT-KENTOR, Robert. Em que sentido exatamente a indústria cultural não mais existe. DURÃO, F.; ZUIN, A.; VAZ, A. F. **A indústria cultural hoje**. São Paulo: Boitempo, p. 17-27, 2008.
- MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- OLIVEIRA, M. F. J. **Entre epistemologia e política**: utopia e crítica da identidade na Dialética Negativa de Theodor W. Adorno. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Filosofia, 2021.
- PUZZONE, V. F. **Capitalismo perene**: Reflexões sobre a estabilização do capitalismo a partir de Lukács e da Teoria Crítica. São Paulo: Alameda, 2016.
- SAFATLE, V. **Dar corpo ao impossível**: o sentido da dialética a partir de Theodor Adorno. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.